

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ARTHUR MEDEIROS URNAUER

**CHINA NA GEOGRAFIA ESCOLAR: estado da arte e proposta de material de
apoio anti-orientalista**

PORTO ALEGRE

2022

ARTHUR MEDEIROS URNAUER

CHINA NA GEOGRAFIA ESCOLAR: estado da arte e proposta de material de apoio anti-orientalista

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Dorfman

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Urnauer, Arthur Medeiros
China na Geografia Escolar: estado da arte e proposta de material de apoio anti-orientalista / Arthur Medeiros Urnauer. -- 2022.
45 f.
Orientadora: Adriana Dorfman.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. China. 2. Currículo. 3. Ensino de Geografia. 4. Material didático. I. Dorfman, Adriana, orient. II. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ARTHUR MEDEIROS URNAUER

**CHINA NA GEOGRAFIA ESCOLAR: estado da arte e construção inicial de
material didático anti-orientalista**

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 19 de maio de 2022

Banca examinadora

Dr^a. Adriana Dorfman - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (orientadora)

Dr. Diego Pautasso - Colégio Militar de Porto Alegre

Prof. Samuel Bastos Bracagioli - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, pelo carinho e apoio incondicionais que sempre recebi, em especial às mulheres que me apresentaram ao universo da docência e sempre foram inspirações: minha mãe, Lucinea; minha avó, Neusa Maria; e minha tia, Luciane.

A todos os amigos e amigas, por todo o incentivo que sempre me deram e pela confiança no papel da educação como meio para o exercício pleno da cidadania.

Aos meus colegas de estágio, PIBID e cursinho popular, por proporcionar ótimas trocas de experiências e contribuírem para minha formação como professor enquanto estudante de licenciatura.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus professores e funcionários, por propiciar educação pública, gratuita e de qualidade à população gaúcha e brasileira.

À minha orientadora, Adriana, por todo o apoio e aprendizado que tive na elaboração deste trabalho.

À banca avaliadora, pela disponibilidade para realizar a avaliação deste trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor as bases iniciais para o desenvolvimento de um material de apoio atualizado e anti-orientalista sobre a China destinado a professores da Educação Básica. Tendo em vista a configuração da China como destaque na economia e na política globais com uma organização bastante diferente dos modelos tradicionais de governo, mas também como um espaço ausente no contexto brasileiro e como objeto de notícias e análises errôneas, intencionais ou não, pelo mundo ocidental, esta pesquisa se propõe a analisar as abordagens sobre a China nos parâmetros curriculares que regem a Educação Básica brasileira e em determinados modelos de livros didáticos, a fim de identificar as dificuldades e potencialidades dos estudos sobre China. Com os resultados obtidos a partir desta análise, se realizará a construção inicial de material de auxílio para professores de Geografia e Ciências Humanas de Ensino Fundamental e Médio.

Palavras-chave: China; currículo; ensino de Geografia; material didático.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es proponer las bases iniciales para la elaboración de un material de apoyo actualizado y antiorientalista sobre China para docentes de Educación Básica. Considerando la configuración de China como un destaque en la economía y la política global con una organización bastante diferente de los modelos tradicionales de gobierno, pero también como un espacio ausente en el contexto brasileño y como objeto de noticias y análisis erróneos, intencionales o no, en el mundo occidental, esta investigación tiene como objetivo analizar los enfoques sobre China en los parámetros curriculares que rigen la Educación Básica brasileña y en ciertos modelos de libros de texto, con el fin de identificar las dificultades y potencialidades de los estudios sobre China. Con los resultados que se obtengan de este análisis, se realizará la construcción inicial de un material de ayuda para los docentes de Geografía y Ciencias Humanas de Enseñanza Básica y Media.

Palabras clave: China; Currículo; Enseñanza de Geografía; Material didáctico.

ABSTRACT

The objective of this work is to propose the initial bases for the development of an updated and anti-orientalist support material about China for Brazilian Basic Education teachers. Considering the configuration of China as a leader in the global economy and politics with an organization quite different from the traditional models of government, but also as an absent space in the Brazilian context and as an object of misleading news and analysis, intentional or not, by the Western world, this research aims to analyze the approaches to China in the curricular parameters that govern Brazilian Basic Education and in certain models of textbooks, in order to identify the difficulties and potentialities of China studies. With the results obtained from this analysis, the initial construction of support material for Geography and Human Sciences teachers of Elementary and High School will be conducted.

Keywords: China; Curriculum; Educational Material; Geography Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
FES - Formação econômico-social
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
OMC - Organização Mundial do Comércio
ONU - Organização das Nações Unidas
PCCh - Partido Comunista da China
PIB - Produto Interno Bruto
RAE - Região Administrativa Especial
RCGEM - Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio
RPC - República Popular da China
ZEE - Zonas Econômicas Especiais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Crescimento do Produto Interno Bruto chinês

Figura 2: Principais destinos das exportações por Unidade da Federação em 2017

Figura 3: Páginas iniciais do capítulo 20 “Questões geopolíticas envolvendo Índia, China e a Península da Coreia”

Figura 4: Conjunto de infográficos, mapas e textos da seção “China rural e urbana”

Figura 5: Página que aborda o tema da presença comercial chinesa no continente africano, com destaque para foto de encontro entre Xi Jinping, presidente da China, e Hage Geingob, primeiro-ministro da Namíbia à época e hoje presidente do país

Figura 6: Páginas iniciais do capítulo “China, Índia, Rússia e África do Sul”

Figura 7: Proposta de capa do material de apoio

Figura 8: Proposta de página introdutória de capítulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo geral	14
1.1.2 Objetivos específicos	14
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3. CARACTERIZAÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA	17
4. A CHINA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	23
5. A CHINA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA	27
5.1 Geografia Coleção Callis - 9º ano. 1ª ed. São José dos Campos: Poliedro, 2018	28
5.2 Araribá Plus Geografia – 9º ano. 5ª ed. São Paulo: Moderna, 2018.	30
5.3 Geografia Projeto Múltiplo - Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2014	32
5.4 Geografia: Contextos e Redes - Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2017.	34
5.5 Resultados e considerações.	36
6. CONSTRUÇÃO INICIAL DO MATERIAL DE APOIO PARA PROFESSORES	37
6.1 Projeto gráfico	37
6.2 Sumário	39
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem ligação direta com diversas reflexões e debates que tive durante minha trajetória escolar e universitária. Desde a época de estudante do Ensino Fundamental o continente asiático, principalmente em sua porção oriental, me trazia admiração, primeiramente pelas manifestações culturais e depois por outras características, como a Geografia ambiental e as formas de organização política. Por isso, devo dizer que me senti inquieto ao cumprir a etapa da Educação Básica tendo visto menos do que achava que poderia ter sido abordado em sala de aula. E essa relativa insatisfação também ocorreu em relação à graduação, visto que a Ásia só é abordada de forma mais concisa no 8º e penúltimo semestre do curso de licenciatura.

Atualmente existem amplos debates dentro do meio educacional sobre eventuais alterações nos parâmetros curriculares nacionais. A aprovação de medidas como a Base Nacional Comum Curricular e de leis como a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, possibilitam a adoção de um currículo mais abrangente em detrimento da narrativa eurocentrada, particularmente na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Entretanto, podemos observar que, ainda que haja essa quebra de paradigmas em relação a novos conteúdos e epistemologias, a abordagem a respeito do continente asiático na Geografia Escolar ainda é bastante escassa e, até certo ponto, enviesada. Muitas vezes o professor depende quase exclusivamente do livro didático como fonte de pesquisa, tendo em vista a relativa distância entre a Ásia e o Brasil e a pouca proximidade com o objeto/local de estudo, dada sua ausência em etapas anteriores de sua formação.

Nas últimas décadas a Ásia vem se consolidando como importante cenário político e econômico mundial, abrangendo quase metade da população mundial e desenvolvendo novas formas de produção e tecnologia, sobretudo na Índia e países do extremo oriente, como Japão, Coreia e China. Por corresponder a uma possibilidade de quebra na continuidade da centralidade do mundo ocidental e potencial e iminente ascensão de um mundo Pós-Occidental (PAUTASSO, 2011; SERFATY, 2011; ZAKARIA, 2008), a China é constantemente abordada e referida a

partir de uma visão orientalista pelo ocidente e sua área de influência. Said (2007), ao discutir a ideia de orientalismo, discorre que “a identidade europeia em si foi construída e delimitada em contraposição ao imaginário oriental”, de forma que o asiático é visto como exótico (CHEN, 2012), bárbaro e menos civilizado, de forma exotizada e inferiorizante, em que eleva-se o status global do Ocidente e deprecia-se o Oriente (SAID, 2007), produzindo uma geografia imaginada profundamente distorcida e incapaz de analisar a diversidade e as peculiaridades dos povos orientais. A ideia do “perigo amarelo” (TAKEUCHI, 2008; TCHEN, 2010), surgida entre o final do século XIX e início do século XX, sintetiza o temor ocidental (atualmente principalmente estadunidense) de que as nações asiáticas assumam o protagonismo político e econômico global, a partir de ideias e valores julgados como retrógrados pela mentalidade ocidental. A Pandemia de COVID-19 (SARS-coV 2) trouxe à tona a pauta do orientalismo nos meios jornalístico e político, tendo como maiores exemplos uma onda de violência contra asiático-americanos e a disseminação do termo “vírus chinês” (SATEL, 2020), usado pela primeira vez pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, durante uma coletiva de imprensa.

Tendo em vista que, em relação ao contexto da educação brasileira, a China constitui um “espaço ausente”, conforme definição de Costella (2009), o objetivo deste trabalho é auxiliar professores a distanciar-se dos “achismos”, *fake news* e das visões orientalistas que muitas vezes permeiam as análises sobre a China. Desta forma, este trabalho tem como objetivo a elaboração de um sumário e capa que darão origem a um material destinado a professores de Geografia da Educação Básica, como forma de não apenas propiciar apoio para o desenvolvimento de práticas pedagógicas ou meramente a compreensão da FES (Formação Econômico-Social) chinesa, mas que também possa desmistificar preconceitos e visões pré-estabelecidas. Para tanto, será realizada a análise de livros didáticos e dos referenciais curriculares regionais e nacionais. Com isso, espero poder contribuir para o desenvolvimento de uma educação crítica, reflexiva e capaz de compreender o papel de uma Nova Ordem Mundial e novas possibilidades de configurações e sistemas político-econômicos nas dinâmicas sociopolíticas e socioeconômicas em escala global.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Fornecer subsídios para um ensino não-orientalista e atualizado sobre a China.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Analisar como é abordada a China nos parâmetros curriculares nacionais de educação básica e livros didáticos;
- b) Estabelecer as bases iniciais para elaboração de materiais didáticos que promovam uma abordagem de ensino não-orientalista sobre a China e a Ásia Oriental.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com os objetivos definidos para este trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, definida por Minayo (2007) como uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, não podendo ser expressa ou traduzida em números.

Primeiramente, foi realizada pesquisa bibliográfica nos principais repositórios digitais de produção acadêmica brasileira e gaúcha, sendo esses o Portal Periódicos Capes, o Lume e a BDTD (Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações), a fim de compreender o estado da arte (definido por Romanowski e Ens (2006, p. 40) *apud* Brandão (1986) como “levantamentos do que se conhece sobre determinada área, desenvolvimento de protótipos de análises de pesquisas, avaliação da situação da produção do conhecimento da área focalizada”) das pesquisas sobre o tema de China na Geografia Escolar. Todavia, o que se pode constatar nesses repositórios é que quase não há pesquisa acadêmica específica sobre a relação entre China e Ensino de Geografia, estando os estudos sobre China restritos às áreas de Relações Internacionais (que podem ser utilizados como base para materiais e práticas didáticas, porém apresentam enfoque muito mais técnico) e da Linguística, notavelmente sobre a presença da língua portuguesa na RAE (Região Administrativa Especial) de Macau. Devido a isso, foram necessárias pesquisas e referências a autores de outras áreas das Ciências Humanas, principalmente da História.

A segunda etapa realizada foi a análise de livros didáticos que trazem o assunto China. Foram escolhidos quatro livros, sendo dois destes destinados às séries finais do Ensino Fundamental e os outros dois destinados ao Ensino Médio, em função de a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) recomendar a abordagem relativa à China e ao continente asiático no 9º Ano do Ensino Fundamental e de análises sobre a China serem possíveis (e necessárias) nos objetos do conhecimento abordados na etapa do Ensino Médio. Há uma importante produção dedicada a análises de livros didáticos, entre as quais se destaca o trabalho de Tonini *et al.* (2017). A metodologia utilizada para análise dos materiais se baseou na análise de conteúdo proposta por Bardin, que se divide nas seguintes fases: 1) pré-análise, que compreende a organização do material que será analisado; 2) exploração, que corresponde à análise do material e definição de categorias de análise; e 3) tratamento, que corresponde ao destaque das informações para

análise, propiciando a análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006). Os quatro livros analisados foram escolhidos com base na facilidade de acesso, tendo em vista a utilização destes por professores da Educação Básica nos municípios de Gravataí e Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. As categorias selecionadas para análise dos materiais foram: 1) conteúdos e temas abordados; e 2) figuras e imagens.

A terceira etapa foi relativa à análise do estado da arte das pesquisas sobre China, como tema central do estudo, para elaboração do material de apoio. Foi utilizado material bibliográfico disponível em meio físico e/ou digital. A maior parte dos autores estão inseridos na área de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais, abrangendo pesquisadores principalmente da Geografia, da História e da Economia.

3. CARACTERIZAÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

A República Popular da China é um país localizado no continente asiático, com a maior parte de seu território estando na Ásia Oriental. De acordo com dados obtidos do Censo Nacional Chinês de 2020, a população do país é de cerca de 1,412 bilhão de habitantes, sendo o país mais populoso do mundo (CHINA, 2021). Além disso, a China é o país com o 2º maior PIB-PPC (Produto Interno Bruto-Paridade do Poder de Compra) do mundo, chegando a cerca de 29,375 bilhões de dólares dos Estados Unidos (FMI, 2021), mostrando-se como grande influência na atual configuração política e econômica global.

Hoje em dia, a China está por toda parte. Impelida pela economia que mais rapidamente se desenvolve no mundo, ela influencia nossas vidas de consumidores, nossos empregos e nossa cidadania. As palavras “made in China” são tão universais quanto o dinheiro. (FISHMAN, 2005. p. 10).

A China constitui uma civilização de história milenar e marcada até hoje pela influência das filosofias tradicionais, além do pioneirismo em diversas áreas. Entretanto, a grande problemática nas análises ocidentais sobre a China e Ásia Oriental é a possibilidade de cair em concepções de imobilismo histórico, como nos alertam Bueno (2018) e Jabbour (2020)

Tentar definir uma civilização pelos seus aspectos essencialistas é bastante problemático, embora o caso chinês permita, de fato, uma série de associações entre sua antiguidade e sua continuidade, num modelo histórico bastante singular. Por outro lado, deve-se tomar cuidado com a forte tentação de cairmos na superficialidade. A apresentação modelar pode ser facilmente transformada numa exibição de exotismos e diferenças, que não contribuem para uma compreensão mais exata da cultura chinesa. É comum que se enfatize as singularidades, o que muitas vezes reforça preconceitos. (BUENO, 2018, p.62-63)

A questão não está no fato de as categorias criadas no Ocidente em si não ajudarem a entender a China e a Ásia do Pacífico. A questão é que o processo de desenvolvimento daquelas sociedades não seguiu os padrões que percebemos ao analisar a trajetória ocidental. Economias de mercado surgiram naquela parte do globo há pelo menos 3500 anos; um poderoso e

estruturado Estado Nacional surgiu na China há 2500 anos. O concurso público na mesma China, seleciona as melhores cabeças do país para ingressar no aparelho do estado há 1500 anos. O confucionismo e o taoísmo são contemporâneos da filosofia clássica grega. Porém, enquanto na China o confucionismo e o taoísmo continuam a formar subjetividades civilizatórias e tolerantes, no Ocidente a filosofia clássica grega perde espaço em prol de ideologias nascidas no Mediterrâneo Oriental que dão base a ideologias do tipo “destino manifesto” e outras aberrações. (JABBOUR, 2020, p. 28-29)

A China passou por um processo revolucionário socialista que culminou na proclamação da República Popular em 1949. As primeiras décadas pós-revolução foram marcadas pela adoção de um modelo político e econômico ao estilo soviético, tendo como maior exemplo a política do Grande Salto para Frente, com foco nas comunas agrícolas e no desenvolvimento da indústria pesada, buscando mudanças estruturais de forma mais rápida. Entretanto, desde o final da década de 1970, com o falecimento do líder revolucionário Mao Zedong e ascensão de Deng Xiaoping ao cargo de líder político nacional, a China promoveu diversas alterações em sua política econômica de forma a intensificar suas interações com o mundo ocidental/capitalista, como a “Política de portas abertas” de 1978, que culminou na criação de ZEEs (Zonas Econômicas Especiais) abertas à atuação de empresas estrangeiras no modelo de *joint venture*, de forma que estas empresas se instalaram no país de forma vinculada às empresas chinesas, utilizando a mão-de-obra e tendo acesso ao mercado consumidor chinês e, em contrapartida, a China teria acesso às novas tecnologias físicas e não físicas desenvolvidas no ocidente. Esse processo é resumido por Silva:

O governo chinês decidiu promover uma reestruturação gradual da sua economia, possibilitando aquisições de propriedades, o surgimento de um setor empresarial privado, a liberalização do comércio e a abertura ao exterior, através da importação de maquinário e tecnologia e a atração de investimentos externos. Tudo isso sem, entretanto, abrir mão do planejamento e da regulação estatal. (SILVA, 2015, p.. 41)

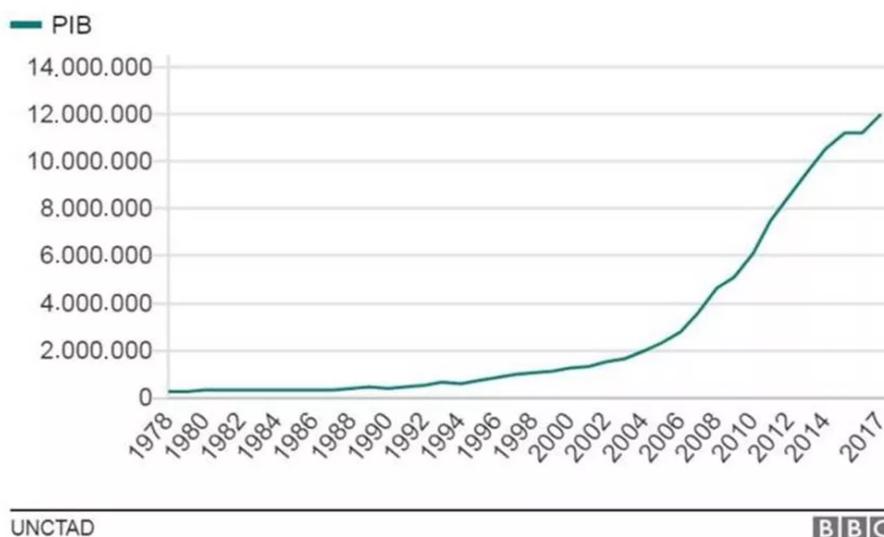
O processo de abertura da economia chinesa consolidou-se com a entrada do país na OMC (Organização Mundial do Comércio) em 2001, o que facilitou o

desenvolvimento de parcerias comerciais a nível mundial. A abertura econômica e o ingresso na OMC propiciaram uma grande elevação no ritmo de crescimento da economia chinesa, como é possível observar no gráfico abaixo:

Figura 1: Crescimento do Produto Interno Bruto chinês

A evolução do PIB chinês

(Em bilhões de dólares; valores de 2010)



Fonte: BBC, com dados de Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

A partir do governo de Hu Jintao (2003-2013) e notavelmente no governo de Xi Jinping (desde 2013), o Conselho de Estado passou a ter como foco a redução e/ou resolução de problemas causados pela abertura econômica, como desigualdades sociais e regionais, problemas ambientais e dependência energética. Com isso, intensificaram-se os investimentos nos setores de infraestrutura e produção, na forma dos Planos Quinquenais, definidos por Ungaretti (2021, s.p.) como “planos de governo elaborados pelo Estado chinês que proporcionam diretrizes, estratégias e políticas de desenvolvimento nacional para o país durante o período de cinco anos”. Jabbour e Gabriele (2021) consideram o desenvolvimento e execução destes projetos relativos à infraestrutura nacional e internacional como o maior grau de domínio do ser humano sobre a natureza já visto na história.

Com o crescimento da influência chinesa no sistema internacional e a criação do conceito de “desenvolvimento pacífico”, em que o desenvolvimento da China contribuiria para a prosperidade e estabilidade da Ásia e do mundo (ZHENG, 2005) e acabaria por ocasionar a quebra da hegemonia estadunidense, a ideia de

Fonte: Secretaria Especial de Competitividade e Produtividade do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, 2018

Diante da magnitude de sua economia e população no contexto mundial e brasileiro, é de se esperar que a Geografia Escolar se detenha a conhecer/ensinar a China em profundidade. É o que vamos examinar no próximo capítulo.

4. A CHINA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lacoste (1985, p. 95) procura evidenciar que

[...] mesmo com um aprendizado da geografia, transformada por essa preocupação da prática e da teoria, os cidadãos não acenderão, por eles próprios, imediatamente às reflexões espaciais mais complexas, aquelas que dizem respeito aos problemas políticos colocados na escala planetária, por força da multiplicidade dos conjuntos espaciais, que é preciso levar em consideração. No entanto, esses problemas planetários desempenham um papel cada vez maior e mais rápido na evolução das situações nacionais, regionais e mesmo locais. Os cidadãos mais politizados, os militantes, devem fazer uma análise espacial da crise em diferentes escalas, para ajudar na tomada de consciência coletiva dos problemas. (LACOSTE, 1985, p.95)

O objetivo da Geografia Escolar, de acordo com a análise de Callai (2011), é orientar a compreensão do mundo a partir da leitura espacial dos fenômenos sociais e naturais. O RCGEM (Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio) define, dentre os componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a Geografia como “uma ciência que tem como objetivo principal o estudo entre os humanos e o meio, ou seja, o estudo do espaço geográfico como espaço alterado pela sociedade e em constante modificação” (RIO GRANDE DO SUL, 2021, p. 125).

Em 2018, passou a vigorar a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), um documento normativo que visa reger o currículo das disciplinas da Educação Básica, de forma a criar um currículo nacional padronizado:

(...) A Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica (BRASIL, 2018, s.p.).

A BNCC ressalta a importância do desenvolvimento do raciocínio geográfico e da educação geográfica, tendo em vista que os espaços percebidos,

concebidos e vividos não são lineares (BRASIL, 2018). Assim, a BNCC estabelece princípios que visam auxiliar o professor a possibilitar uma leitura geo-histórica do espaço aos seus alunos, na forma de competências, habilidades e objetos de conhecimento, que orientam planos de aula e a elaboração de livros didáticos. O currículo de cada ano é subdividido em unidades temáticas, objetos do conhecimento e habilidades.

Para o 9º ano do Ensino Fundamental em Geografia, a BNCC apresenta cinco unidades temáticas que são: O sujeito e seu lugar no mundo, Conexões e escalas, Mundo do trabalho, Formas de representação e pensamento espacial e Natureza, ambientes e qualidade de vida. Estas dão origem a dez Objetos de Conhecimento que, por sua vez, são detalhados na forma de Habilidades. Assim, são três níveis de detalhamento dos conteúdos da disciplina de Geografia no 9º ano do Ensino Fundamental.

Quadro 1 - As habilidades relacionadas ao tema de China e Ásia definidas para o 9º ano do Ensino Fundamental.

Código da habilidade	Descrição
EF09GE04	Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.
EF09GE07	Analisar os componentes físico-naturais da Eurásia e os determinantes histórico-geográficos de sua divisão em Europa e Ásia.
EF09GE08	Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.
EF09GE09	Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais.
EF09GE10	Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.
EF09GE16	Identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos da Europa, da Ásia e da Oceania.
EF09GE17	Explicar as características físico-naturais e a forma de ocupação e usos da terra em diferentes regiões da Europa, da Ásia e da Oceania.

Fonte: Elaborado por Arthur Urnauer com base em BRASIL, 2018.

A BNCC, em sua página 383, apresenta o seguinte trecho:

Por fim, no 9º ano, é dada atenção para a constituição da nova (des)ordem mundial e a emergência da globalização/mundialização, assim como suas consequências. Por conta do estudo do papel da Europa na dinâmica econômica e política, é necessário abordar a visão de mundo do ponto de vista do Ocidente, especialmente dos países europeus, desde a expansão marítima e comercial, consolidando o Sistema Colonial em diferentes regiões do mundo. É igualmente importante abordar outros pontos de vista, seja o dos países asiáticos na sua relação com o Ocidente, seja o dos colonizados, com destaque para o papel econômico e cultural da China, do Japão, da Índia e do Oriente Médio. Entender a dimensão sociocultural e geopolítica da Eurásia na formação e constituição do Estado Moderno e nas disputas territoriais possibilita uma aprendizagem com ênfase no processo geo-histórico, ampliando e aprofundando as análises geopolíticas, por meio das situações geográficas que contextualizam os temas da geografia regional. (BRASIL, 2018, p. 383)

Nota-se que a própria BNCC, o documento normativo que rege os parâmetros curriculares da educação básica nacional, ressalta as narrativas e epistemologias de tendência eurocêntrica, inclusive destacando o caráter colonialista ocidental e “especialmente dos países europeus”. Ainda que a China, assim como outros países asiáticos, sejam mencionados no referido trecho, eles são referidos de forma geral como “Ásia” nas descrições das habilidades, considerando também que cerca de metade das habilidades que destacam o continente asiático discorrem apenas sobre a análise de características ambientais e físico-naturais, notavelmente os domínios morfoclimáticos, em detrimento de análises culturais, sociais e econômicas. A Ásia não é mencionada de forma exclusiva em nenhuma habilidade, de forma que a maioria destas também referencia Europa e Oceania.

O trecho da BNCC referente às competências e habilidades de Geografia na etapa do Ensino Médio não faz qualquer menção à China ou ao continente asiático, mencionando diretamente em seu texto apenas o Brasil e a América Latina, o que não exclui a possibilidade de levar o tema para as aulas de Geografia desta etapa. O RCGEM se utiliza das habilidades da BNCC e destaca habilidades

próprias, mas estas também não fazem nenhum tipo de menção à China ou ao continente asiático.

Desta forma, é possível visualizar o estabelecimento da narrativa hegemônica (SILVA, 1999) eurocêntrica nos parâmetros curriculares da educação brasileira. É no ambiente escolar que somos submetidos a um processo de colonização dos sentidos de vida (CRUZ, 2017), resultado da imposição de um *habitus*, ou seja, um conjunto de normas e saberes que tomam como ideal o europeu, o colonial e o eurocêntrico (CASTRO-GÓMEZ; GROSFUGUEL, 2007).

5. A CHINA NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Bueno (2018), em suas reflexões sobre o ensino de história da China, utiliza de levantamentos sobre a presença do assunto China nos livros didáticos da disciplina de História. Com a análise dos levantamentos se torna possível perceber que, ainda que a presença de materiais a respeito seja escassa e que algumas vezes engloba problemas conceituais e dificuldade de análise e abordagem dos modelos históricos chineses, a situação atual é bem melhor do que a de alguns anos atrás, quando o tema simplesmente não aparecia. O autor também compara as mudanças dos livros didáticos com os currículos universitários, trazendo os livros como muitas vezes mais atentos às novas questões do sistema mundial e suas aplicações do que o meio acadêmico:

Os livros didáticos, porém, têm sido mais rápidos e flexíveis em adaptar seus conteúdos do que a estrutura universitária. Seja por necessidade de mercado, seja pela conscientização dos problemas educacionais – pois esses profissionais estão na linha de frente dos desafios do Ensino de História – os materiais escolares têm sido mais rápidos em responder a demanda por conhecimentos sobre China do que os profissionais universitários. (BUENO, 2018, p. 59-60)

O livro didático constitui um recurso importante na educação escolar, principalmente devido à relativa facilidade de acesso e uso se comparado com outras metodologias. Ainda que seja frequentemente relacionado ao que se chama de "ensino bancário" (FREIRE, 1996), o livro pode ser utilizado de forma adequada pelo professor que conhece as potencialidades e limitações do material utilizado.

Como discorre Pina (2009), o livro didático é muitas vezes utilizado meramente para leitura e desenvolvimento de conhecimento passageiro e superficial, não configurando-se como uso adequado deste material. Constitui-se como tarefa do professor avaliar se o livro apresenta linguagem acessível, informações e representações cartográficas corretas, permite o estímulo à criatividade e também aborda o espaço como totalidade (CASTROGIOVANNI e GOULART, 1988).

Conforme destacado na seção destinada a apresentar os procedimentos metodológicos desta pesquisa, as categorias selecionadas para análise dos materiais foram: 1) conteúdos e temas abordados; e 2) figuras e imagens.

5.1 Geografia Coleção Callis - 9º ano. 1ª ed. São José dos Campos: Poliedro, 2018

O primeiro livro a ser analisado foi o livro de Geografia da Coleção Callis, elaborado pelo Sistema Poliedro e dedicado ao 9º Ano do Ensino Fundamental. Neste livro didático, a China é abordada no módulo 7, denominado “Geopolítica e novos desafios da Ásia e Oceania”, mais precisamente no capítulo 20, denominado “Questões geopolíticas envolvendo Índia, China e Península da Coreia”.

As primeiras duas páginas do capítulo tratam sobre a questão do Tibete, região autônoma situada no oeste chinês, trazendo imagens de Lhasa, capital da região, e de Tenzin Gyatso, atual Dalai-Lama (chefe de estado e líder espiritual), e material textual proveniente de texto de um blog vinculado ao jornal Folha de São Paulo, assim como duas perguntas a serem respondidas pelos alunos. Além disso, devido ao fato de o livro utilizado na análise ser destinado ao uso do professor, estão presentes textos paralelos com explicações e sugestões de possíveis atividades. Se destacam nesse trecho destinado a leitura do professor o uso dos termos “invasão”, “conquistador” e “opressão” (esta última também utilizada em uma das perguntas aos alunos referidas acima), ignorando que a região do Tibet foi incorporada à China há mais de 700 anos de forma pacífica, com os episódios mais violentos ocorrendo logo após a Revolução Chinesa, mais precisamente entre os anos de 1951 e 1959, marcados pela ação de grupos armados tibetanos. Este trecho inicial também busca trazer a ideia de desigualdade entre os moradores tibetanos nativos e os de origem han, etnia que compõe a grande maioria da população chinesa, porém deixa de mencionar as evoluções de Produto Interno Bruto (¥174 milhões em 1959 para ¥190 bilhões em 2020), expectativa de vida (35,5 anos em 1951 para 71,1 anos em 2019), entre outros indicadores (JABBOUR, 2021).

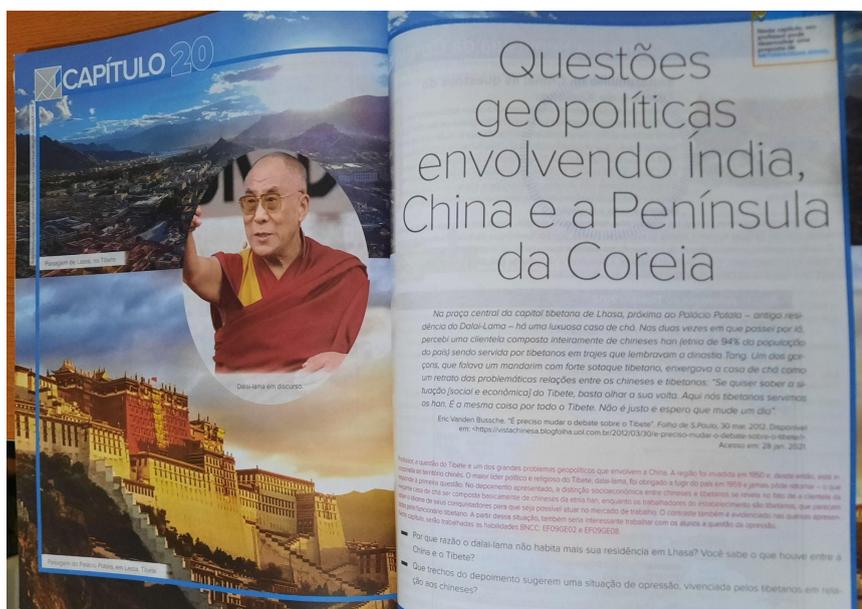
As páginas seguintes continuam tratando sobre a questão tibetana, trazendo bandeira (não-oficial) e mapa da região autônoma, mencionando durante todo o texto um suposto “genocídio e extermínio cultural”, configurando “uma tentativa da China de apagar os traços da cultura tibetana”, mencionando o povo tibetano como “muito simples e ideologicamente não-violento, marcado pela extrema espiritualidade”. Em seguida, o livro fala rapidamente sobre a província de Xinjiang e traz mapas que destacam as duas subdivisões.

Na sequência, o livro traz uma página destinada à questão de Taiwan, considerada província rebelde pelo governo chinês, destacando a perda de representatividade do país na ONU (Organização das Nações Unidas) e o processo acelerado de desenvolvimento industrial ocasionado pelo investimento europeu e norte-americano na ilha. Apesar de fazer menções a “ameaças chinesas”, este trecho não apresenta grandes imprecisões, ao contrário do anterior.

Por último, o livro dedica uma página às recentes manifestações na RAE de Hong Kong. Ainda que a análise da questão temporal sobre o tema não apresente grandes imprecisões, o trecho se utiliza diversas vezes de termos como “autoritário”, “repressão” e “violência” para se referir ao governo central e suas medidas.

Fazendo uma análise geral, é possível concluir que o livro apresenta poucas páginas sobre a China (apenas 7), todas elas focadas apenas em questões referentes à geopolítica e com diversos erros de análise histórica e da formação econômico-social chinesa e de suas subdivisões, propondo uma leitura bastante enviesada das questões políticas chinesas.

Figura 3: Páginas iniciais do capítulo 20 “Questões geopolíticas envolvendo Índia, China e a Península da Coreia”



Fonte: Geografia Coleção Callis - 9º ano. 1ª ed. São José dos Campos: Poliedro, 2018, p. 160-161

5.2 Araribá Plus Geografia – 9º ano. 5ª ed. São Paulo: Moderna, 2018.

O segundo livro a ser analisado foi o livro Araribá Plus Geografia, elaborado pela editora Moderna e dedicado ao 9º Ano do Ensino Fundamental. Este livro didático apresenta uma unidade inteira dedicada ao estudo da China, sendo esta a unidade 6. O livro ainda apresenta uma unidade sobre o continente asiático em geral, uma sobre o Japão e Tigres Asiáticos e outra sobre Oriente Médio e Índia, esta última estudando também a Oceania. A unidade que trata sobre a China possui um total de 26 páginas.

As primeiras duas páginas mostram três imagens, sendo a mais destacada a de uma plantação de arroz no sistema de terraços e as outras, menores, mostrando uma fábrica de televisores e uma cidade com arranha-céus e poluição atmosférica. O breve texto destaca o crescimento da economia chinesa, ampliação das capacidades tecnológicas e também toca nas questões ambientais. As questões iniciais são bem formuladas e abordam temas como ambiente, trabalho e comércio. Algo que chamou a atenção foram as sugestões de respostas (foi utilizado o livro do professor) indicando abordar a baixa remuneração dos trabalhadores chineses, mas ressaltando que a mão-de-obra está se tornando cada vez mais qualificada e recebendo melhor remuneração.

A primeira parte da unidade trata sobre a dinâmica econômica da China, trazendo em sua primeira página alguns gráficos sobre o crescimento do PIB chinês e do PIB em relação a outros países. É estabelecida uma relação de temporalidade ao abordar em seguida, mesmo que rapidamente, a era de Mao Zedong e as políticas do Grande Salto para Frente e a Revolução Cultural e, em seguida, o processo de abertura das ZEEs. É bastante mencionada a mudança recente na industrialização chinesa, focando na interiorização, desenvolvimento tecnológico e voltada para o mercado interno.

A segunda parte da unidade é mais curta e trata do tema população e disparidades regionais. O texto menciona a concentração populacional na região litorânea do país e a “política do filho único”, demonstrando seus reflexos com a utilização de gráficos de pirâmide etária. É abordada também a questão da diversidade étnica nacional, mencionando a existência de vários povos, porém tentando atribuir certos níveis de repressão ao governo central. Voltando à questão da concentração demográfica, o livro traz um trecho bastante rico em ilustrações e

gráficos sobre questões populacionais relacionadas às diferenças entre o ambiente rural e o urbano na China.

Em seguida, são propostos alguns exercícios e atividades divididos em duas propostas: “Organizar o conhecimento”, que priorizam a fixação de conceitos e ideias, e “Aplicar seus conceitos”, com atividades mais elaboradas que priorizam a leitura e interpretação de textos e gráficos, inclusive utilizando uma questão do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

A terceira parte da unidade tem como tema o setor energético e questões ambientais. As primeiras páginas tratam da questão da dependência de combustíveis fósseis e da poluição, com destaque para as poluições aquática e atmosférica, na China, fazendo uso intensivo de gráficos, tabelas e imagens. Contudo, nas páginas seguintes o livro menciona os recentes programas para diminuição das emissões de carbono na atmosfera e os altos investimentos na geração de energia a partir de fontes renováveis, trazendo gráficos e imagens.

A quarta e última parte discorre sobre a China no comércio mundial. O texto aborda o importante papel comercial da China a nível global a partir de sua entrada na OMC, seu papel de independência na esfera global e apoio a países em desenvolvimento (ainda que com certa imprecisão ao negar as relações com a Rússia) e suas relações com países vizinhos, mencionando sua influência mesmo com eventuais disputas territoriais. O livro destina o espaço de duas páginas para tratar sobre o comércio exterior da China, destacando os impactos das mudanças causadas pelas novas políticas de abertura e estruturação industrial chinesa. O último tema abordado é a presença chinesa na África, destacando os empreendimentos chineses no continente e a chamada “nova rota da seda”. O livro chega a mencionar críticas sobre o não investimento em qualificação da mão-de-obra local, porém destaca esta como uma realidade que já começou a mudar.

Na sequência são trazidos exercícios e atividades, desta vez tratando dos tópicos abordados nas últimas páginas. Os exercícios são divididos nas propostas de organizar e depois aplicar os conhecimentos, tal qual a seção de atividades anterior, e utilizam gráficos, tabelas e imagens como base para realização. As últimas páginas trazem textos mais curtos e algumas atividades sobre o ensino de futebol em escolas chinesas e o desenvolvimento do programa espacial nacional.

O livro destina bastante espaço ao estudo da China e consegue englobar diversas áreas e aspectos da análise geográfica. Apresenta textos bem redigidos, faz bastante uso de recursos como gráficos, tabelas, imagens e mapas, traz exercícios com diferentes finalidades e que propõem a reflexão e conseguem passar uma abordagem mais “imparcial”, apontando críticas e trazendo seus contrapontos.

Figura 4: Conjunto de infográficos, mapas e textos da seção “China rural e urbana”



Fonte: Araribá Plus Geografia – 9º ano. 5ª ed. São Paulo: Moderna, 2018, p. 162-163.

5.3 Geografia Projeto Múltiplo - Ensino Médio.1ª ed. São Paulo: Scipione, 2014

O terceiro livro a ser analisado foi o livro de Geografia do Projeto Múltiplo, elaborado pela editora Scipione e dedicado ao Ensino Médio. Neste livro, a China é abordada no capítulo 21, intitulado “Países de economia planificada”, que também trabalha sobre a Rússia. O trecho que aborda a China é composto por 21 páginas.

As primeiras páginas tratam da história do período de 1912 a 1949, entre a queda da monarquia e a Revolução Chinesa, trazendo principalmente as disputas entre o PCCh (Partido Comunista Chinês) e o Partido Nacionalista (Guomindang). Também é dado certo destaque à criação de Taiwan (República da China) e suas relações com a RPC (República Popular da China).

As páginas seguintes abordam os processos de industrialização da economia chinesa, primeiramente no período do governo Mao Zedong, com o Grande Salto para Frente, e depois com a “segunda revolução” de Deng Xiaoping. O livro trata bastante da abertura das ZEEs, do investimento estrangeiro e do foco inicial na exportação de produtos, porém traz imprecisões como mencionar baixos salários e enfraquecimento de sindicatos como fatores de atração de investimentos, além de destinar grande espaço às manifestações de Tian’anmen em 1989, utilizando termos como “massacre” e “reivindicação de democracia”. Entretanto, destaca-se o uso frequente de mapas, tabelas e imagens, além da abordagem anticolonialista das relações entre China e África.

A seção seguinte foca no caráter exportador da indústria chinesa, trabalhando com diversos indicadores econômicos e de atividade comercial e relacionando o crescimento industrial com questões ambientais, destacando uma mudança de postura do estado chinês quanto à preservação ambiental.

O último tópico refere-se à estrutura industrial chinesa, utilizando diversos gráficos, tabelas e mapas para ilustrar os diferentes setores industriais chineses e as formas de propriedade das empresas industriais, destacando o crescimento de empresas chinesas e instalação de filiais de multinacionais e também questões relativas à distribuição da renda no país. As últimas páginas trazem questões de vestibulares sobre a China e a Rússia, que também é abordada no referido capítulo.

O livro apresenta espaço bastante considerável para o estudo da China. Ainda que pudesse ser mais completo e evitar algumas imprecisões, o material textual é adequado e o livro faz boa utilização de linguagem visual.

Figura 5: Página que aborda o tema da presença comercial chinesa no continente africano, com destaque para foto de encontro entre Xi Jinping, presidente da China, e Hage Geingob, primeiro-ministro da Namíbia à época e hoje presidente do país



Fonte: Geografia Projeto Múltiplo - Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2014, p. 514

5.4 Geografia: Contextos e Redes - Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2017.

O quarto e último livro a ser analisado foi o livro Contextos e Redes, elaborado pela editora Moderna e dedicado ao Ensino Médio. Neste livro, a China é abordada no capítulo 26, intitulado "China, Índia, Rússia e África do Sul". A parte que aborda especificamente a China é compreendida por 5 páginas.

As primeiras páginas do capítulo dão destaque a uma fotografia da cidade de Shenzhen, de forma a buscar resumir a "dualidade" da China atual, o suposto equilíbrio entre as tradições e a modernidade e abertura ao sistema global. O curto trecho textual trazido nessas páginas se dedica a colocar o continente asiático como o novo centro e o futuro das relações internacionais. A introdução do capítulo também menciona a importância de análise sobre os países do chamado Brics como parte de uma nova organização do sistema global.

O primeiro tema a ser abordado sobre a China é a população, trazendo mapas políticos e de densidade demográfica. Boa parte do texto sobre o assunto se destina a tratar das campanhas de controle de natalidade iniciadas na década de 1970 (e flexibilizadas recentemente) e seus impactos na demografia chinesa atual. Mesmo de forma bastante resumida, o texto menciona a presença de mais de 50 minorias étnicas no país, com destaque para os tibetanos e uigures.

Logo após, o livro aborda a “trajetória política e econômica” chinesa. Os 4 parágrafos deste trecho discorrem sobre a política do Grande Salto para Frente, o rompimento das relações com a União Soviética, a Revolução Cultural e o início da implementação dos programas de abertura e modernização do governo Deng Xiaoping, com foco no que o livro chama de combinação entre abertura econômica e centralização política. Por último, a seção mostra gráficos sobre as evoluções de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e PIB da China.

A sequência do material traz a questão da regionalização econômica Chinesa, dividindo o país em três grandes regiões: Marítima, Agrícola e Periférica. A seção traz como assunto as desigualdades inter-regionais e intrarregionais, destacando que a instalação das ZEEs promoveu discrepâncias tanto entre o litoral e o interior da China quanto entre o sudeste e o nordeste do país, relacionando este processo com a proximidade regional com a RAE de Hong Kong e com a República da China (Taiwan). Ao tratar sobre a China Agrícola, o livro menciona principalmente os grandes movimentos migratórios de camponeses para os centros urbanos próximos ao litoral e também os esforços públicos para equilibrar inovação agrícola e manutenção de técnicas e tecnologias tradicionais. A chamada China Periférica é abordada rapidamente, com destaque para a presença de minorias étnicas relativamente numerosas, como uigures, tibetanos e mongóis, e para o processo de interiorização do desenvolvimento, com o estabelecimento de grandes indústrias e investimentos em infraestrutura na região. Por último, o livro traz textos relativamente curtos sobre as relações territoriais da China com Taiwan e Hong Kong. O livro também traz, ao final do capítulo, alguns exercícios de variados níveis de dificuldade e reflexão.

Este livro didático tem seu texto bem redigido, imagens bem escolhidas e faz boa utilização de gráficos e mapas, abordando a temática da China de forma concisa, com linguajar adequado e sem fazer análises orientalistas e sinofóbicas. Entretanto, se faz necessário destacar o pouco espaço destinado ao assunto, fazendo com que o texto pareça por vezes muito resumido.



Fonte: Geografia: Contextos e Redes - Ensino Médio. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2017, p. 500-501

5.5 Resultados e considerações.

Ao comparar os quatro livros, podemos perceber diferenças e semelhanças entre eles. Todos fazem bastante uso de linguagem não-textual (imagens, gráficos, mapas, tabelas, entre outros artifícios), além de exercícios com diferentes finalidades, o que demonstra novas linguagens e objetivos desta ferramenta. A grande diferença está no espaço destinado à China e, conseqüentemente, seu nível de aprofundamento em diferentes aspectos. O livro da coleção Araribá destina um capítulo exclusivo à China, enquanto ambos os livros destinados ao Ensino Médio abordam a China junto com outros países, especialmente a Rússia, e o material da Coleção Callis é ainda mais restritivo, ao trazer apenas questões geopolíticas como tema do capítulo. Este último se destaca também por ser o mais crítico e parcial, tanto pelos temas abordados em si quanto pela linguagem utilizada, enquanto os outros três se mostram com abordagens mais imparciais e completas, abrindo maior margem para leitura e análise críticas.

6. CONSTRUÇÃO INICIAL DO MATERIAL DE APOIO PARA PROFESSORES

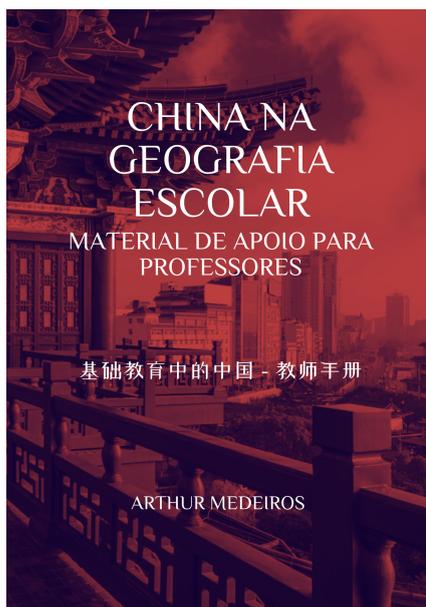
Tendo em vista o pouco espaço destinado ao estudo de China na BNCC e no RCGEM e a abordagem frequentemente resumida do tema nos livros didáticos em circulação, este capítulo dedica-se a ilustrar uma proposta de material de apoio destinado a professores de Ciências Humanas da Educação Básica, considerando ser um tema com aspectos abordados em diferentes anos do currículo escolar e também com possibilidade de análises e estudos interdisciplinares. Foram elaboradas as propostas básicas para o projeto gráfico do material e também para sumário, de forma a trazer temas que contribuam para os objetivos definidos pelos parâmetros curriculares

6.1 Projeto gráfico

A ideia desse projeto gráfico é demonstrar uma síntese dos componentes visuais do material didático. A capa (figura 7) utiliza uma fotografia que busca ilustrar a dualidade entre a modernização chinesa e a relação intrínseca da sociedade com filosofias e modos de vida tradicionais. Destacam-se também o uso da cor vermelha, presente na bandeira nacional, e do título escrito também utilizando a língua e o sistema de escrita chineses, na forma simplificada. O interior, aqui demonstrado pela página introdutória de um dos capítulos propostos (figura 8), apresenta layout mais simples, buscando o foco na linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. A proposta é que todos os capítulos se iniciem com imagens que possibilitem uma leitura crítica, caracterizada por Tonini (2003) como:

(...) aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando ao mesmo tempo a forma como são elas construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico. É o que Douglas Kellner (1995) denomina de alfabetismo crítico de imagens, do qual precisamos nos “indumentar” (TONINI, 2003, p. 1)

Figura 7: Proposta de capa do material de apoio



Fonte: Elaborado por Arthur Urnauer, a partir de fotografia de AFP.

Figura 8: Proposta de página introdutória de capítulo

5 Assuntos étnicos na China: as questões dos uigures e dos tibetanos

Mulheres de etnia uigur em reunião na Assembleia Nacional do Povo, em 2014 (AFP)

Como visto nos capítulos anteriores, a população chinesa é estimada (2020) em cerca de 1,4 bilhão de pessoas, de acordo com o Censo Nacional. Cerca de 91% da população chinesa faz parte da etnia han, mais numerosa na maior parte do país. No entanto, o Conselho de Estado (governo central chinês) reconhece, em seus dados oficiais, a existência de 56 grupos étnicos no país, incluindo um grupo para outras minorias não reconhecidas. Depois dos han, os mais numerosos são os zhuang, os hui, os manchu e os uigures.

Dentro da estrutura administrativa chinesa, destacam-se a Comissão Estatal de Assuntos Étnicos, órgão com status semelhante ao de ministério, e a presença de regiões autônomas, que possuem maior grau de autonomia em relação ao Conselho de Estado e historicamente possuem maioria étnica de outros povos que não os han, ainda que hoje algumas destas já tenham os han como maioria. As cinco regiões autônomas da China são Guangxi (zhuang), Mongólia Interior (mongóis), Ningxia (hui), Tibete ou Xizang (tibetanos) e Xinjiang (uigures).

Fonte: Elaborado por Arthur Urnauer, utilizando fotografia de AFP.

6.2 Sumário

Esta seção será destinada a apresentar o sumário da proposta de material. Para tanto, serão trazidos os títulos dos capítulos e os temas que serão abordados dentro de cada um¹. Os capítulos foram ordenados de forma a organizar uma sequência didática que inicia com a análise interna e depois relaciona com questões externas.

Os temas e disposição dos capítulos foram baseados nas obras de Jabbour, Gabriele e Pautasso.

Introdução: caracterização da China e sua importância no século XXI;

O capítulo introdutório do material pretende trazer uma breve caracterização da República Popular da China, mencionando não apenas sua relevância como país populoso mas também como protagonista da ordem mundial vigente e que desenvolve um novo sistema econômico e de governo, servindo de ponto inicial para os capítulos subsequentes.

Capítulo 1 - A Revolução Chinesa e o Grande Salto para Frente;

Para compreender a atual FES chinesa, é necessário compreender o papel e as heranças do processo revolucionário chinês. Este capítulo é dedicado a compreender o processo histórico da Revolução Chinesa e o desenvolvimento da economia socialista de base planejada no país durante o período de Mao Zedong, com destaque para as transformações industriais e agrárias decorrentes da política do Grande Salto para Frente.

Capítulo 2 - O sistema de propriedade e a política econômica chinesa pós-Mao Zedong;

Este capítulo busca analisar o sistema político-econômico desenvolvido na China a partir do final da década de 1970, com o estabelecimento das políticas de abertura da economia chinesa a investimentos estrangeiros. Serão abordados tópicos como o estabelecimento das ZEEs, os Planos Quinquenais e o papel do Conselho de Estado e do Partido Comunista Chinês no sistema de propriedade.

¹ Destaca-se o agradecimento aos membros da banca avaliadora que propuseram a inserção de mais capítulos durante a apresentação deste trabalho.

Capítulo 3 - China: Socialismo de Mercado ou Capitalismo de Estado?:

A China, ao seguir a ideia de “um país, dois sistemas” e desenvolver um sistema político-econômico relativamente inovador em diversos aspectos, representa uma nova formação dentro da economia política. Este capítulo busca estabelecer as definições de socialismo e capitalismo e quais seriam as definições mais adequadas para caracterizar o modelo chinês.

Capítulo 4 - A estrutura social chinesa: das lutas camponesas à erradicação da pobreza;

A China possui um histórico de revoltas relacionadas a pobreza e questões de luta de classes. Neste capítulo serão tratados os movimentos de trabalhadores, principalmente camponeses, e a execução dos grandes projetos de erradicação da pobreza desenvolvidos na China.

Capítulo 5 - Democracia na China: da liberdade de imprensa à participação popular;

Na opinião de diversos analistas internacionais, a China é caracterizada como um regime autoritário e ditatorial. Neste capítulo serão abordadas questões relativas à participação popular nos rumos do país, à liberdade de imprensa e opinião e às redes sociais chinesas.

Capítulo 6 - Assuntos étnicos na China: as questões dos uigures e dos tibetanos;

A China possui diversas minorias étnicas constituindo sua população, mas sofre com acusações de genocídio feitas pelos países ocidentais. O capítulo busca elucidar as relações étnicas na China e os movimentos separatistas atuantes em seu território, com destaque para as questões relativas aos povos uigur e tibetano.

Capítulo 7 - Questões ambientais na China;

O acelerado desenvolvimento econômico chinês acabou por gerar diversos impactos no ambiente, de forma mais ou menos negativa. Neste capítulo, serão abordados temas relativos às questões ambientais energéticas chinesas,

como a poluição aérea e aquática e o crescente desenvolvimento nacional em fontes renováveis de energia

Capítulo 8 - A política externa chinesa: nova potência imperialista?:

Nas últimas décadas a China tem intensificado tratados internacionais de cooperação, principalmente com países africanos e asiáticos, o que motiva acusações de imperialismo por parte dos países ocidentais. Este capítulo se dedica a analisar a política externa chinesa e sua filosofia de desenvolvimento pacífico como base para uma nova Geografia das Redes, tratando de temas como o BRICS, os grandes acordos internacionais (como RICEP e OCX), os investimentos em infraestrutura na África e a Iniciativa do Cinturão e Rota (também conhecida como Nova Rota da Seda).

Capítulo 9 - Relações entre China e Taiwan:

Durante a década de 1980, a China iniciou tratativas para recuperar os territórios de Hong Kong, Macau e Taiwan. Os dois primeiros tornaram-se RAEs da China na década seguinte, mas Taiwan não foi reanexada. Este capítulo busca abordar a história das relações da RPC com a “província rebelde”.

Capítulo 10 - Relações entre China e Brasil:

Durante as décadas de 2000 e 2010, China e Brasil constituíram uma das principais relações de cooperação entre os países emergentes do século XXI, de forma que a China se tornou a principal parceira comercial do Brasil. Este capítulo busca analisar o desenvolvimento das relações comerciais e políticas entre os dois países.

Capítulo 11 - Orientalismo e Perigo Amarelo: o preconceito contra chineses e leste-asiáticos;

A relativa distância (geográfica e cultural) entre ocidente e oriente é usada como justificativa para divulgação de estereótipos e geografias imaginadas. No caso da China, isso se intensifica devido ao atual destaque político-econômico do país. O capítulo busca debater sobre a manifestação destes estereótipos e geografias imaginadas a partir de *fake news* e ondas de violência.

Glossário

Seção destinada à definição de conceitos e vocabulários específicos presentes na obra, com o objetivo de propiciar autonomia à leitura e ao estudo.

Referências

Seção destinada às informações referentes às fontes consultadas para elaboração do material.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha trajetória educacional, pude perceber que o tema da Ásia é um objeto do conhecimento ainda bastante distante da Geografia Escolar, mesmo com histórico de relações inter-regionais e recente crescimento da influência chinesa e asiática no cenário mundial. Esta percepção me motivou a pensar sobre as narrativas ocidentocêntricas e a inserção das novas dinâmicas internacionais dentro da área das Ciências Humanas.

Com os resultados obtidos a partir da análise dos referenciais curriculares estadual e federal e também dos livros didáticos já mencionados, foi possível visualizar que o ensino de China na Geografia Escolar ainda deixa a desejar, apesar da tendência de mudanças positivas, sobretudo em relação aos livros. Com isso, ilustra-se a tendência de os livros didáticos conseguirem se atualizar mais rapidamente em relação aos currículos educacionais.

Tendo em vista que a China como objeto do conhecimento da Geografia Escolar é tratada em diferentes aspectos tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, foi observada a potencialidade para elaboração de material destinado a professores com a finalidade de elucidar diferentes questões pertinentes ao ensino de China. O sumário foi concebido de forma a abordar diferentes aspectos da complexidade chinesa, traçando um "norte" para que os docentes se apropriem do tema e possam desenvolver atividades pedagógicas que contribuam para o raciocínio crítico e o exercício da cidadania. Espera-se que a possibilidade de aprofundamento do tema a partir da proposta do material contribua para novas abordagens dentro da Geografia enquanto disciplina escolar.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. A. Lisboa: Edições 70. 2006
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017
- BUENO, André. **Ensinando a História da China**: como fazer?. Revista Tempo, Espaço, Linguagem (TEL), Irati, v. 8, n. 2, p. 256-267, fev. 2018. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/10891>>. Acesso em: abr. 2022.
- CALLAI, Helena Copetti. A geografia escolar – e os conteúdos da geografia. **Anekumene**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 128-139, 2011. DOI: 10.17227/Anekumene.2011.num1.7097. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/aneukumene/article/view/7097>. Acesso em: abr. 2022.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. Prólogo.: giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global / compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel. – Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GOULART. Lígia Beatriz **A Questão do Livro Didático em Geografia**: Elementos para uma análise. Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre. 1988
- CHEN, An. On the Source, Essence of “Yellow Peril” Doctrine and Its Latest Hegemony “Variant”–the “China Threat” Doctrine: From the Perspective of Historical Mainstream of Sino-Foreign Economic Interactions and Their Inherent Jurisprudential Principles. **The Journal of World Investment & Trade**, v. 13, n. 1, p. 1-58, 2012.
- CHINA. NING JIZHE. **Main Data of the Seventh National Population Census**. 2021. Disponível em: http://www.stats.gov.cn/english/PressRelease/202105/t20210510_1817185.html#. Acesso em: mai. 2022.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Espaços ausentes e não inexistentes na geografia escolar. In **Movimentos para ensinar Geografia - oscilações**. 2.ed. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. P. 47-62
- FISHMAN, Ted. C. **China. S. A.**: como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 10 p.
- ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E. Y. O Espaço Geográfico: ensino e representação. 15ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 90.
- FMI [Fundo Monetário Internacional] **World Economic Outlook (WEO)**: Report for Selected Countries and Subjects: October 2021. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2021/October/weo-report?c=>

Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132973> . Acesso em: mai. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **O Perigo Amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2008.

TCHEN, John Kuo Wei. Notes for a History of Paranoia: “Yellow Peril” and the Long Twentieth Century. **The Psychoanalytic Review**, v. 97, Special Issue: Politics and Paranoia, 2010.

TONINI, Ivaine Maria et al (org.). **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

TONINI, Ivaine Maria. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia.... **Mercator**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 35-44, dez. 2003. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/148> . Acesso em: mai. 2022.

UNGARETTI, Carlos Renato. **O 14º Plano Quinquenal (2021-2025) da China em Perspectiva Doméstica e Internacional**: economia, inovação e meio-ambiente. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nebrics/o-14o-plano-quinquenal-2021-2025-da-china-em-perspectiva-domestica-e-internacional-economia-inovacao-e-meio-ambiente/> . Acesso em: mai. 2022.

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZHENG, Bijian. **China's Peaceful Rise**: Speeches of Zheng Bijian 1997-2005. Washington, D.C.: Brookings, 2005.